

AS CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE *HABITUS* PARA O DEBATE DA CLASSE CAMPONESA

Rosemeire A. de Almeida – Professora adjunta do CPTL/UFMS
raalm@ceul.ufms.br

A situação conflitiva vivenciada pelos camponeses na busca do retorno a terra é uma luta pela (re)criação de sua condição de classe *sui generis*, uma classe cuja natureza econômica e social encontra-se alicerçada na contradição: é formada por sujeitos que são, ao mesmo tempo, proprietários de terra (e dos meios de produção) e trabalhadores; porém, um trabalhador diferente do operário porque não se defronta cotidianamente com a exploração de seu trabalho e com os mecanismos de ocultamento próprios desta condição.

Logo, optamos por considerá-lo um sujeito ambíguo, conservador e radical, porém uma ambigüidade que não é defeito, nem falha, como ensina Chauí (1994, p. 124) quando discute o popular. Desse modo, ambigüidade é forma de existência constituída de dimensões simultâneas, “tecido de ignorância e de saber, de atraso e de desejo de emancipação, capaz de conformismo ao resistir, capaz de resistência ao se conformar”.

Cabe explicar que não se trata aqui de admitirmos, por um lado, a existência da classe camponesa (classe em si) e, por outro, negarmos sua consciência de classe (classe para si), até porque, na perspectiva de Thompson (1998), seria uma interpretação destituída de significado. Estamos, portanto, concebendo o campesinato como classe com consciência de classe. No entanto, uma consciência de classe que se expressa por meio da ambigüidade em virtude de que o camponês vive uma dupla e contraditória situação: é proprietário e trabalhador. Para Bourdieu (2000), embora o indivíduo possa ocupar posições diferenciadas nos diversos campos do todo social e suas ações sejam reflexo desse espaço multidimensional, há a possibilidade de existência da classe social. Conseqüentemente, essa posição de classe é fruto da mediação do *habitus*, porque é ele que fundamenta as formas de agir e pensar nos sujeitos nos variados campos, dando-lhes unidade, *habitus* de classe. Assim, independente da diversidade de recursos, existiriam disposições gerais, um estilo, uma história incorporada, dando identidade a esses grupos. Enfim, para além da distinção, que não é nada mais que a continuidade física e psíquica do indivíduo, haveria a possibilidade da identidade de classe. Desta forma, o *habitus* é o sistema de disposições adquiridas por meio da aprendizagem do sujeito que diante de situações novas, pode gerar estratégias práticas.

À medida que os camponeses assentados vão consolidando a teia de relações, na qual sustentam sua sociabilidade, outros termos diretamente relacionados a seu *habitus* de classe

são acionados em substituição à linguagem oficial do Estado. Desse modo, não raro, o sítio toma lugar do lote e o nome toma lugar do número; a agrovila passa a ser apenas a vila ou o centro do bairro rural, um ponto de encontro. Lugar para onde se vai pouco, apenas em caso de precisão e de festa.

O assentamento vai sendo concebido a partir da sua apropriação, que espelha a unidade construída a partir da identidade de luta, das diversas lutas de seus agentes, uma unidade que visa proteger os de “dentro” pela distinção dos de “fora”, mais especificamente daqueles que se opõem ao mundo camponês. Nesta unidade territorial todos se conhecem, do vizinho mais próximo ao mais distante se tem sempre uma história para contar e um apelido a revelar, sabem também daqueles que partiram para outros assentamentos na busca por terra, são seus filhos, são filhos do vizinho, são sem-terra do acampamento que a fome ajudou a matar. Dizer que aqui e ali tem um assentamento conta muito pouco desta história de reciprocidade e de desencontro, de libertação e de aprisionamento, desta consciência conservadora e radical que, na luta pela (re)criação camponesa, resiste a tudo que nega o não-camponês e que, por isso, coloca em questão a sociedade inteira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemeire A. **Identidade, Distinção e Territorialização: o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul**. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

THOMPSON, Edward P. Algumas Observações sobre a Classe e “Falsa Consciência”. In: NEGRO, Antonio. L.; SILVA, Sérgio (orgs.). **Textos Didáticos**. nº 10, 3ª ed., v. 02, 1998. p. 95-109.